

## PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA \*

Mirian Hisae Yaegashi ZAPPONE

**RESUMO** *Este trabalho analisa um corpus formado por relatórios produzidos por professores da região Sul-sudeste do Brasil que, motivados por um concurso intitulado Leia Brasil, patrocinado pela Fundação Victor Civita em 1997, descrevem suas aulas de leitura no ensino básico (educação infantil e ensino fundamental) e no ensino médio. Tendo em vista esses relatos, esta pesquisa teve por objetivo inicial descrever as formas de ler na escola brasileira da região sul-sudeste. Para isso, numa primeira parte do trabalho, foram estudadas as principais abordagens de leitura correntes no Brasil, supondo-se que essas pudessem, de algum modo, fundamentar as práticas de leitura relatadas. A análise das atividades de leitura em sala de aula apontou para três modos de leitura: a) um modo de leitura designado na pesquisa como estruturalista, que entende a leitura como decifração e recuperação do sentido do texto; b) um modo de leitura cujo objetivo é patrocinar a interdisciplinaridade; c) modo(s) de leitura que procura(m) recuperar algumas premissas de teorias de leitura com as quais o professor tem contato. A análise dos relatórios aponta, entretanto, para uma sobreposição de influências, de modo que a relação entre teorias de leitura e práticas de leitura parece não ser tão direta. Buscou-se, então, na segunda parte do trabalho, compreender o processo de construção do saber de leitura do professor. Observou-se que o(s) saber(es) de leitura dos professores se constroem em forma de um grande mosaico, no cruzamento de outras influências, além das teorias de leitura, entre as quais se destacaram: 1) certas imagens sociais de leitura presentes na mídia, 2) os Parâmetros Curriculares Nacionais, 3) propostas didáticas de catálogos de editora e revistas de divulgação pedagógica como Nova Escola. Concluiu-se que o saber de leitura do professor é um saber mediado e que professores e alunos, enquanto instâncias sociais e históricas, estão sujeitos a modos de ler e a formas de compreender a leitura que são, de certo modo, coletivos já que resultado de muitas*

---

\* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Teoria e História Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 12 de dezembro de 2001, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marisa Philbert Lajolo.

*influências que vão se cruzando até compor um todo que, por sua vez, muda de tempos em tempos.*

## INTRODUÇÃO

Em 1997, a Fundação Victor Civita, em parceria com a Unesco e Petrobrás, realizaram um concurso, através da Revista Nova Escola, que objetivava premiar professores que tivessem realizado práticas relevantes de incentivo à leitura. Intitulado *Leia Brasil*<sup>1</sup>, este concurso resultou na inscrição de trabalhos de 757 professores de diversas regiões do país. Nesses trabalhos, os professores descreviam, em textos de uma a duas laudas, as atividades de leitura que haviam realizado em suas salas de aula. Tais relatórios permitiam, portanto, acesso às vivências de leitura em sala de aula, por meio do discurso do principal agente da instituição escolar: o professor. Assim, ao propor um estudo destes relatórios, esta pesquisa teve por objetivo interpretar as falas dos professores nos aspectos em que elas pudessem ajudar a entender o ensino de leitura na escola e os modos como o saber ou saberes sobre leitura é (são) construído (s) no ambiente escolar.

## METODOLOGIA

Foram selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa 370 relatórios de professores da região Sul-Sudeste. Apesar da heterogeneidade de forma dos relatórios, pode-se observar certa recorrência nos aspectos neles abordados. Assim, a temática destes textos constituiu-se no fator principal no qual se baseou a seleção dos aspectos a serem analisados neste trabalho.

Deve-se assinalar que muitos dos aspectos abordados pelos professores partiram de sugestões que lhes foram apresentadas pela própria ficha de inscrição, onde, além de dados pessoais do professor, havia um pequeno comando para elaboração dos textos, intitulado "Descrição do trabalho" como se vê na reprodução de um relatório ao final deste item.

Após uma leitura inicial dos textos, foram observados alguns temas cuja recorrência nos textos acabaram por nortear os aspectos a serem estudados na pesquisa. Foram eles: as imagens e concepções de leitura do professor, as atividades desenvolvidas como práticas de leitura, os materiais de leitura e as imagens que o professor faz de si e do aluno (leitor escolar).

---

<sup>1</sup> O material de divulgação do Concurso *Leia Brasil* foi veiculado nos números 107 e 108 da revista Nova Escola, nos meses de novembro e dezembro de 1997. Os nomes dos vencedores do concurso, os professores Joselita dos Santos Lima, de Umbranas (BA), Paulo de Tarso Rezende Ayub, de Vitória (ES) e Ana Neri Braz dos Santos Tashiro, de São Paulo (SP) forma anunciados no n.111 da revista *Nova Escola*, edição de abril de 1998.

O estudo destes temas apresentados nos relatórios permitiu que se visualizassem algumas imagens sob as quais o ensino de leitura é construído na escola. Essas imagens situavam-se, por hipótese, num pêndulo que se alternava entre dois pólos: 1) o das imagens acadêmicas de leitura, veiculadas através de livros e artigos de cunho científico e que chegam ao professor com força prescritiva devido à sua origem, os meios acadêmicos; 2) o das imagens sociais, veiculadas sobretudo pela mídia, e originadas no senso comum, constituindo, por isso, um imaginário social relativo à leitura.

Partindo dessa hipótese, a pesquisa foi dividida em três grandes blocos, onde foram estudadas: 1) as abordagens de leitura em circulação no Brasil, 2) as imagens sociais de leitura no Brasil e, por fim, 3) as práticas de leitura efetuadas nas escolas da região Sul-Sudeste do Brasil a fim de ser verificar como são construídos os saberes sobre leitura na escola.

### Reprodução do relatório nº 222

**Ficha de inscrição**

Nome: Janete Aparecida de Oliveira Corrêa Idade: 30 anos  
 Formação profissional: Magnética Pedagogia  
 Série e grau em que leciona: Ciclo Básico Continuidade (antiga 2ª série), 1º grau  
 Nome da escola onde leciona: P. P. G. "João Chaluppe"  
 Nome e telefone para contato do diretor ou de alguém que possa confirmar a realização do seu trabalho: Ona Priscila Fernandes Durgan (diretor da escola) 436-3378  
 Endereço da escola: Rua São Francisco, 12  
 Cidade: Itaperiú Estado: Paraná CEP: 86654-130  
 Endereço residencial: R. Clotilde Moraes, Obrym, 44  
 Cidade: Itaperiú Estado: Paraná CEP: 86654-140  
 É participante do programa Leia Brasil?  Sim  Não

**Descrição do Trabalho**

Faça um resumo do seu trabalho de leitura em sala de aula em no máximo 30 linhas (uma página e meia, aproximadamente) descrevendo a metodologia utilizada, as atividades desenvolvidas, os recursos utilizados, a avaliação empregada e os resultados obtidos.

### CONCURSO LEIA BRASIL - RESUMO DO TRABALHO

No início do ano letivo de 1994, deparei-me com uma classe de Ciclo Básico Continuidade (antiga 2ª série), onde deveria encontrar crianças com a média de oito anos e com uma boa aquisição da leitura e da escrita. Porém a realidade era outra, as idades iam de nove a treze anos e os estudos não chamavam atenção.

Foi preciso buscar na criatividade a solução.

Comecei trabalhando em grupos, misturando níveis de aprendizagem e criei, então, um Projeto de Literatura: peguei um livro de literatura infantil (1 é 5, 3 é 10 -

Santuza Abras) e deixei que eles manuseassem à vontade, depois li cada estrofe e pedi que eles repetissem. Quando terminamos, distribui para os grupos ilustrações referentes ao texto, eles deveriam fazer uma associação desenho/estrofe.

Conversamos sobre o assunto abordado no livro: crianças que precisam trabalhar como vendedores de rua. Fiz uma síntese da discussão e escrevi na lousa, chamando a atenção para algumas regras de pontuação. Eles fizeram a cópia com interesse.

Toda classe formulou um questionário para entrevistarmos "pequenos vendedores".

Nas aulas seguintes, analisamos as respostas, relembramos os diferentes refrões usados por ambulantes ou feirantes, fizemos colagens de propagandas, listamos o que pode ser vendido de acordo com o clima e a temperatura, pesquisamos o significado de algumas palavras, fizemos história coletiva (reescrita) e ilustramos.

Finalizamos o Projeto ouvindo "Pivete" de Chico Buarque e traçamos um paralelo entre ela e o livro estudado.

O interesse pela leitura deu um salto significativo. Os resultados deste Projeto superaram as expectativas. (Relatório no 222).

## DADOS ESTATÍSTICOS SOBRE OS RELATÓRIOS

Sendo um concurso nacional de incentivo à leitura, participaram do *Leia Brasil* professores da rede pública e privada de ensino que atuavam em todos os níveis de escolaridade e em diversas disciplinas. Com os dados contidos nas fichas de inscrição que solicitavam o nome do professor, sua formação profissional, nome da escola, série e grau em que o trabalho foi desenvolvido, foi possível elaborar as seguintes tabelas:

TABELA 1

Série/graude atuação dos professores	Nº de professores	Percentuais
Educação infantil (pré-escola)	6	1,62%
Educação especial	6	1,62%
Ensino fundamental 1º e 2º ciclos (1ª a 4ª séries)	145	39,18%
Ensino fundamental- 3º e 4º ciclos (5ª a 8ª séries)	166	44,86%
Ensino médio (1ª, 2ª e 3ª séries do 2º grau)	47	12,70%
Total	370	100%

Com relação à tabela 1, o que se observa é que esta amostra refere-se basicamente a professores que atuam no ensino básico, especificamente no ensino fundamental, já que 44,86% atuam no 3º e 4º ciclos e 38,18%, no 1º e 2º ciclos). Assim, 84,04% da amostra referem-se a práticas de leitura no ensino fundamental enquanto apenas 15,14% referem-se a outros níveis de ensino (notadamente ensino médio com um percentual de 12,7%), ficando a educação especial e a educação infantil com pequenos percentuais (1,62% cada uma).

TABELA 2

Formação Profissional <sup>2</sup>	Número de professores
Ciências /ciências biológicas	09
Ciências sociais	02
Comunicação social	02
Educação artística	06
Educação física	01
Engenharia/Administração (dá aulas de história)	01
Estudante	02
Filosofia	02
Geografia	07
Graduação incompleta	05
Habilitação específica de 2º grau para Magistério	03
História	09
Letras	75 (20,27%)
Magistério	26 (7,02%)
Magistério ou 2º grau mais adicional	05
Matemática	01
Pedagogia	63 (17,02%)
Pós-graduação (mestrado/especializações em várias áreas)	29 (7,83%)
Professor	26 (7,83%)
Professora secundária	01
Professor I	19 (5,13%)
Professor II	03

<sup>2</sup> As designações apresentadas na tabela seguem as apresentadas pelos professores no campo "formação profissional", da ficha de inscrição. Como se vê, há superposição de "campo de formação" e "campo de atuação."

Professor III	25 (6,75%)
Professor I e III	05
Propaganda e marketing	01
Professor de 1ª a 4ª série	03
Psicologia	01
Química	01
Sem indicação	01
Serviço social	01
Superior/universitário/3º grau	17 (4,59%)
Teologia/Filosofia	01
Várias graduações	17 (4,59%)
<b>Total: 30 indicações</b>	<b>Total:370 professores</b>

A tabela 2 mostra que a maioria dos professores cujos trabalhos foram analisados tem formação de nível superior, já que os professores que citaram as categorias *magistério* (26), e *magistério* ou *2º grau mais adicionais* (05) (interpretados nesta análise como profissionais sem graduação) totalizam apenas 8,37% da amostra contra 91,63% de professores com graduação em várias áreas. Esse total (91,63 %) refere-se à somatória geral de todos os índices, subtraídos os índices *magistério* e *magistério* ou *2º grau mais adicionais*.

Observa-se, também, que há um predomínio da formação na área de Letras (20,27%) seguido de Pedagogia (17,02%). Sabendo-se que muitas das indicações de pós-graduação referem-se a áreas relacionadas às Letras ou à Pedagogia (ex: especialização em didática, mestrado em linguística, especialização em educação infantil etc) e que provavelmente muitas das indicações de *professor I, II e III* também podem representar formação nessas áreas, pode-se considerar esse percentual próximo a 59,13% (somatória das designações *Letras, Pedagogia, Professor, Professor I, II e III e Várias Graduações*).

Deve-se destacar, entretanto, a presença de professores de outras áreas (Ciências, Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Educação Artística, Educação Física, Filosofia, Geografia, História, Matemática, Química, Teologia, Engenharia etc) que, ao participar de um concurso centralizado em leitura, apresentando diversas propostas de trabalho, apontam para o fato de a leitura estar sendo vista não apenas como um conteúdo curricular da área de língua portuguesa, mas como uma atividade que ganha espaço na escola enquanto prática social, por isso, valorizada fora dos domínios específicos da língua portuguesa. Isso aproximaria a concepção de leitura desses professores àquela defendida por Soares (1998) para quem a leitura ou *letramento* implica não apenas a decifração da escrita, mas sobretudo, o uso competente que se faz dela no universo das práticas sociais.

A presença de professores de diversas áreas também pode ser interpretado como reflexo de um momento particular vivido pelo país, onde se observa um clima

geral de incentivo à leitura motivado tanto por ações governamentais como privadas<sup>3</sup> e que, de maneira lenta, chama atenção para a leitura.

## ABORDAGENS DE LEITURA EM CIRCULAÇÃO NO BRASIL

A finalidade desta parte da tese *Práticas de leitura na escola* foi a de apresentar um panorama das abordagens teóricas de leitura em circulação no Brasil nos últimos, supondo-se que essas constituem-se num dos campos de força que podem atuar na composição das imagens de leitura do professor que se refletem, com menor ou maior intensidade, nos modos de leitura de textos efetivados na escola.

O que se observou com relação a essas abordagens é que o interesse acadêmico em torno da leitura no Brasil sedimentou-se a partir dos primeiros anos da década de 80. Desses primeiros anos até a atualidade cresceram sobretudo o número de artigos, livros, revistas especializadas, congressos, encontros que tematizam a leitura.

Entretanto, as matizes sob as quais se constrói o conhecimento sobre o ato de ler no Brasil são menos variadas do que se poderia imaginar, o que equivale a dizer que as muitas pesquisas existentes sobre o tema parecem circunscrever-se quase sempre a um mesmo universo teórico, embora apresentem aplicações pedagógicas variadas.

Em levantamento bibliográfico sobre o tema em questão foram pesquisados e cotejados vários textos e autores, o que permitiu o estabelecimento de quatro linhas básicas em que se ramificam as pesquisas sobre leitura no Brasil. Para fins de exposição, essas linhas foram designadas como: 1) linha político-diagnóstica, 2) linha cognitivo-processual, 3) linha discursiva, 4) linha estruturalista.<sup>4</sup>

### **1) A linha político-diagnóstica**

Pode ser chamado de diagnóstico um primeiro conjunto de textos que se destaca por seu caráter detector e denunciador da situação desfavorável da leitura no Brasil como se observa nos textos mais típicos dos primeiros anos da década de 1980, quando a leitura começava a ingressar nos círculos acadêmicos.

---

<sup>3</sup> São exemplos dessas ações o próprio concurso *Leia Brasil*, como outras: o *Programa Leia Mais* do governo de São Paulo, o *Programa Nacional Biblioteca na Escola*, o programa *Uma biblioteca em cada Município*, o próprio *Proler* da Fundação Biblioteca Nacional e muitos outros que foram arrolados com mais detalhes na tese.

<sup>4</sup> Os termos aqui selecionados para designar as linhas teóricas de abordagem de leitura constituem-se em uma formatação considerada adequada à leitura que pode fazer dessas linhas de pesquisa de leitura. Portanto, representam uma das possíveis leituras a que esse material bibliográfico está sujeito, com todas as implicações que a leitura enquanto ato de atribuição de sentido pode representar. Saliento que a referida designação foi pensada, também, como tentativa de sintetizar as marcas peculiares de cada uma das abordagens de leitura.

Paulo Freire (*A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, 1987, 1. ed. 1982) e Ezequiel Theodoro da Silva (*Elementos de pedagogia da leitura*, 1993, 1. ed. em 1988; *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*, 1987; *Leitura na escola e na biblioteca*, 1995 e outros textos) colocam em cena uma discussão sobre leitura ancorada basicamente nas relações escola/sociedade. O primeiro, partindo de uma discussão fortemente relacionada à educação e à ideologia, desenvolve suas reflexões em torno desses temas e as aplica ao campo de estudos da leitura. É assim que a crítica à *educação bancária* transforma-se, em sua abordagem da leitura, na crítica à leitura meramente decifrativa, que não leva em consideração o universo do sujeito leitor e sua experiência vivencial ou ainda, seu conhecimento prévio à leitura.

Sua concepção de leitura está ancorada numa premissa que poderia ser chamada de sócio-política. A leitura para ele seria uma interpretação crítica e, de certa forma, personalizada do que se lê, pois o leitor levaria em conta todo o seu conhecimento prévio, sua experiência de vida e de leituras anteriores e, acima de tudo, a sua realidade. Sua concepção de leitura, portanto, supõe para o leitor uma posição de sujeito<sup>5</sup> no processo de atribuição de significado e não de mero receptor das idéias veiculadas pelo texto e pelo autor.

Trata-se, portanto, de uma concepção de leitura que pressupõe a inserção de sua prática na esfera social, histórica e ideológica, pois argumenta a favor da luta pela competência do leitor não só em termos dos conteúdos referenciais mas e, sobretudo, da sua competência enquanto um leitor das relações sociais que permeiam o seu meio. Por isso, o caráter político desta abordagem.

Enquanto sujeito, ou seja, ao mesmo tempo receptor/interlocutor do texto, o leitor seria levado a tomar partido, agir criticamente diante do texto e esse movimento estaria dialeticamente relacionado com a forma de o indivíduo se situar no mundo.

## 2) A linha cognitivo-processual

Trata-se de uma linha que estuda a leitura baseada em teorias de inteligência artificial e das Ciências da cognição. Interessa-se por apreender os processos envolvidos no ato de compreensão do texto. O interesse básico está na investigação das ações e reações psicolinguísticas vivenciadas pelo leitor no momento da leitura. Essa linha de estudos sobre leitura iniciou-se no Brasil a partir de estudos de leitura em língua estrangeira, quando alguns pesquisadores perceberam que a dificuldade de leitura não estava no problema do desconhecimento de uma segunda língua, mas na interação do leitor com o texto.

---

<sup>5</sup> A noção de "sujeito" aqui utilizada para se descrever a abordagem de leitura feita por Freire aproxima-se da noção de sujeito utilizada na Análise do Discurso, que considera o sujeito como uma posição de "autor", aquele capaz de concretizar ou construir uma significação para um texto. Nesse sentido, pode-se observar uma certa aproximação entre as propostas teóricas de leitura de Freire e as propostas sugeridas pela Análise do Discurso, como se verá adiante ao final deste capítulo.

Os principais autores que trabalham nesta perspectiva são Mary Kato (1995), Ângela Kleiman (1993,1996,1997) e Marilda do Couto Cavalcanti (1989). Leitura para essas pesquisadoras é basicamente interação entre leitor e texto, sendo este último uma estrutura de comunicação. Kato (1995) distingue dois modos de processamento da informação textos: a) o processamento *bottom-up* ou *ascendente* em que o leitor utiliza as regras que já tem internalizadas para decodificar as estruturas textuais, das menores para as maiores de forma composicional e b) o processamento *top-down* ou *descendente*, em que o leitor utiliza seu conhecimento dedutivo e informações não-visuais, sua experiência de leitor, seus conhecimentos prévios e formulação de hipóteses para compreender o texto. Para a autora, o leitor maduro é aquele que utiliza os dois tipos de processamento.

Kleiman (1997) também adota uma concepção interacionista de leitura na qual o leitor levaria em consideração: a) os *componentes lingüísticos* do texto (cotextuais) que são entendidos como as propriedades internas do texto, os elementos que materializam a significação do texto; o leitor realiza processos cognitivos inconscientes que recuperam essas marcas formais dos textos e b) os *componentes extralingüísticos* (contextuais) que seriam a criação de hipótese, o estabelecimento de objetivos para a leitura, a realização de inferências e a utilização do conhecimento prévio. Este último implicaria três formas de conhecimento: o conhecimento lingüístico, o conhecimento textual e o conhecimento enciclopédico.

Kleiman chama atenção para um aspecto da interação realizada na leitura que seria a “descontextualização”, ou seja, a leitura não consegue recuperar a situação face-a-face típica de uma relação falante/ouvinte. Por isso destaca o aspecto pragmático de sua concepção de leitura (como recuperar a intenção do autor frente ao referente e frente ao próprio leitor).

### 3) A linha discursiva

Esta linha de estudos sobre leitura é uma tentativa de compreensão da leitura baseada no método da Análise do Discurso de linha francesa. Eni Orlandi (1987, 1996, 1998 e 1999), Maria José Coracini (1995) e J. W. Geraldini (1991) são os autores que entendem a leitura como um processo discursivo. Trata-se de uma concepção que entende a leitura como um reflexo de como se pensa a linguagem. Esta é concebida não apenas como forma de comunicação, mas como ação do sujeito sobre o mundo.

A leitura é concebida como um processo discursivo onde atuam dois sujeitos, o leitor e o autor que, por sua vez, produzem sentido, sendo que cada um deles se insere num momento sócio-histórico, sendo, portanto, ideologicamente constituídos.

Nesta concepção de leitura, os textos não possuem sentido por si só. Independente das convenções partilhadas e da formação discursiva onde são lidos, os textos são conjuntos amorfos de sinais gráficos, incapazes de reter sentido fora do jogo lingüístico ou do universo discursivo. (Coracini, 1995:17).

Uma importante tese defendida por Orlandi (1995) sobre a leitura é a questão da história de leitura dos textos e da história de leitura do leitor. A primeira refere-se

à relação de um texto com o conjunto de outros textos, aos sentidos atribuídos aos textos que vão se sedimentando e atuando sobre o modo como o leitor pode lê-lo. A Segunda, ao conjunto de leituras já realizadas pelo leitor e que vão constituir a compreensibilidade de um texto, ou seja, tudo o que ele leu vai auxiliar no processo de atribuição de sentido.

#### **4) A linha estruturalista.**

Esta abordagem de leitura situa-se como um estudo da leitura a partir de um enfoque mais formalista e funcionalista da linguagem em oposição às abordagens anteriores que parecem privilegiar um ponto de vista mais sociologista que se procura estudar o percurso social, explorando a relação entre linguagem e sociedade.

Uma das versões do funcionalismo pode ser encontrada nos estudos de R. Jakobson (1991) nos quais o autor adota uma postura que privilegia a linguagem em função da atividade comunicativa que ela pode desempenhar no interior das atividades humanas. Fundamentada na Teoria da Comunicação, essa perspectiva lingüística entende a linguagem prioritariamente como instrumento de comunicação, de forma que esta passa a ser pensada por um prisma exterior à própria linguagem.

No Brasil, Whitaker Pentead e Izidoro Blikstein, respectivamente com os textos *A técnica da comunicação humana* (1997) e *Técnicas de comunicação escrita* (1991), são autores que aplicaram esse ponto de vista para o estudo da leitura. Ambos privilegiam na leitura o aspecto de descodificação do código e fundamentam-se na idéia de que a linguagem serve prioritariamente à comunicação m sua teoria sobre leitura. para a qual não concorreriam quaisquer outros aspectos extralingüísticos. Para eles, os textos seriam uma codificação que contém as idéias do autor, como se o texto fosse capaz de transmitir os pensamentos do autor e como se linguagem e pensamento guardassem entre si uma relação de correspondência direta. O leitor, por sua vez, ao “descodificar” o texto ou seja, ao ler, estaria compreendendo as idéias geradas na mente do autor.

Essa compreensão funcionalista da leitura teve muitos correspondentes pedagógicos e a utilização de certos termos (*compreensão, interpretação, paráfrase*) utilizados com freqüência em livros didáticos atestam sua pronta adesão por parte de muitos professores e de propostas didáticas.

## **IMAGENS SOCIAIS DE LEITURA NO BRASIL**

Neste capítulo foram discutidas algumas imagens sobre leitura recorrentes na mídia. Tais imagens foram pesquisadas a partir de duas fontes: a) da mídia impressa e b) do discurso dos professores do concurso *Leia Brasil*.

Da mídia foram observadas três imagens ou concepções sobre leitura:

- 1) a da ausência da leitura, que fixa o Brasil como um país de não-leitores;

2) a da leitura como sinônimo de ilustração, como prática que leva o leitor ao desenvolvimento intelectual e político, tornando-o alguém com idéias e posicionamentos diferentes daqueles que não lêem. Nessa concepção de leitura, o ler seria um modo de iluminar o leitor, de transformá-lo em alguém dotado de um conhecimento peculiar sobre a vida, sobre os outros e sobre os acontecimentos. Por isso, o leitor seria sempre um indivíduo de sucesso, culto e sábio em oposição aos não-leitores, indivíduos incultos e em desvantagem social em relação aos leitores;

3) Outra imagem de leitura que também tem grande circulação social é aquela que associa leitura ao prazer, à vivência de experiências imaginárias, diferentes da realidade, do cotidiano do leitor. Normalmente é veiculada em propagandas de livros ficcionais ou mesmo em campanhas de leitura de editoras ou feiras de livros. Ler, nessas imagens, é uma forma de escape da realidade para mundos fantasiosos onde o leitor pode viver situações diferentes do mundo real.

Essas imagens de leitura na mídia sugerem que o imaginário social relativo à leitura é bastante positivo, e que a leitura é considerada uma prática de grande valor social, vista como meio de capacitação, aprimoramento e transformação do leitor, sobretudo por ser meio acesso à informação e atualização. Essas imagens de leitura foram fartamente encontradas nas falas dos professores do concurso *Leia Brasil*, evidenciando o quanto o imaginário social relativo à leitura exerce influência nas práticas escolares de leitura.

Com relação às imagens de leitura presentes no discurso do professor, percebeu-se que a fala mais recorrente era a de que os alunos não gostavam de ler e de que a leitura não era uma prática realizada no Brasil. Ancorados nessa premissa, os professores viam-se a si mesmos como os principais agentes no processo de formação do leitor.

Em virtude da recorrência dessa imagem de leitura, procedeu-se a uma pesquisa sobre as origens desse discurso sobre leitura. O que se observou é que tal fala dos professores constituía-se numa assimilação de um discurso estereotipado sobre as condições de leitura no Brasil. Esse discurso iniciou-se com as falas de viajantes estrangeiros que visitaram o país sobretudo no período colonial e se perpetuou em falas de outros intelectuais. Assim, essa fala foi interpretada como um discurso fundador<sup>6</sup> que se perpetuou em nossa memória histórica.

Entretanto, procedeu-se a um levantamento sobre as condições de leitura no Brasil, tanto no passado (período colonial) como na atualidade. O levantamento

---

<sup>6</sup> A expressão "discurso fundador" tem origem em estudos que usam como método a análise do discurso. Por discurso fundador pode-se entender um discurso que instaura um sentido que se sustenta através de sua reverberação em tempos diferentes, num processo de filiação, fazendo com que tal sentido seja visto como legítimo e evidente. Ver: Orlandi, Eni. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

desses dados, feitos a partir de várias fontes<sup>7</sup>, mostraram que a leitura no Brasil não foi e nem é tão rarefeita como acredita o senso comum e que a escola e o professor continuam, como pressupunham as falas dos professores do *Concurso Leia Brasil*, a ter papel primordial no processo de produção e de aprimoramento do leitor.

## PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA

A análise das atividades de leitura apresentadas pelo professor em seus relatórios apontou para a existência de três grandes modos de leitura escolar: 1) um modo de leitura que valoriza atividades nas quais o texto é entendido como unidade semântica, cujo sentido deve ser reconhecido pelo leitor. A ênfase dessas propostas (a grande maioria dos relatórios) está na forma do texto, em sua materialidade lingüística (pronomes, artigos, estruturas gramaticais etc), considerada a fonte geradora de seu conteúdo e sentido. Ler significa apropriar-se do conteúdo referencial do texto. Por isso, quanto mais o aluno tornar visível sua “compreensão”, melhor terá sido sua leitura. As atividades mais características desse modo de ler são aquelas que permitem uma reprodução das informações ou dados dos textos através de resumos, ilustrações do conteúdo lido, dramatizações, desenhos etc.

Um segundo grupo de professores orienta-se para um modo de leitura entendido como técnica para estudo de temas variados. Trata-se de propostas de leitura que abordam vários aspectos ou temas a partir de um mesmo texto. Nestas atividades de leitura, nota-se que o professor tem o objetivo de trabalhar com a interdisciplinaridade, procurando relacionar o texto lido com conteúdos de diferentes disciplinas. Vê-se nesses textos a tentativa de assimilar as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tanto no que diz respeito à interdisciplinaridade quanto à utilização dos temas transversais.

Por fim, um último e pequeno grupo de professores alinha-se a diversas abordagens teóricas de leitura. A associação destes professores com tais teorias de leitura é feita de forma muito tênue, sendo que, muitas vezes, observa-se a influência de algumas linhas teóricas mais pela utilização de expressões típicas dessas teorias de leitura do que propriamente pela realização de atividades características delas.

---

<sup>7</sup> Sobre leitura no período colonial foram utilizados os dados da pesquisa da Profª. Márcia Abreu apresentados em “Circulação de livros no Brasil nos séculos XVIII e XIX”. In: Cd-rom do XXI Congresso Brasileiro de ciências da Comunicação. Intercom. GT Produção Editorial – Livro e Leitura, 1998. e “Leitura de ficção no Brasil colônia”. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1995. Com relação às condições de leitura na atualidade foram utilizadas pesquisas a vários sites de governamentais ([www.minc.gov.br](http://www.minc.gov.br) e [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br), [www.fbn.gov.br](http://www.fbn.gov.br)) e, sobretudo, a pesquisa *Retratos de leitura no Brasil* promovida em parceria pela Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA), Câmara Brasileira do Livro (CBL), Abrelivros e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). In: Cd-rom da Câmara Brasileira do Livro – *Estatísticas sobre leitura*, 2001.

Partindo da análise destes modos de leitura patrocinados na escola, o que se observou é que as teorias ou abordagens teóricas sobre leitura, ao contrário do que se hipotetizou, têm uma influência bastante pequena sobre as práticas escolares de leitura, o que sugeriu que, além das imagens sociais de leitura, existiam outras fontes de onde emanavam os modos de ler na escola.

Nesse sentido, a análise dos relatórios dos professores apontou a existência de outras fontes do saber de leitura do professor. Sumariamente, foram elas: as revistas de divulgação pedagógica nos moldes de Nova Escola, com quem os relatórios dos professores tem uma relação direto e também os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Assim, observa-se que a fala dos professores de leitura é construída em forma de mosaico, onde muitas falas se entrecruzam para construir um saber sobre leitura. As ações pedagógicas do professor seja em relação à seleção de atividades de leitura ou mesmo à adoção de uma postura ou concepção de leitura resultam de um conjunto de fatores e influências que chegam até o professor em diversos contextos que podem ser delineados por, pelo menos alguns aspectos: pela pequena difusão das abordagens acadêmicas de leitura, 2) pelo difícil acesso do professor aos textos que tratam da questão da leitura, 3) pela ausência de disciplinas voltadas para a leitura, nos cursos onde o professor se gradua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar com textos de professores da região Sul-sudeste que descrevem aulas de leitura, esta pesquisa teve acesso a falas e experiências que permitiram construir um certo retrato das práticas de leitura escolar no ensino fundamental e médio. Embora realizadas num ambiente específico, a escola, revestem-se de um caráter social e histórico que as transformam em práticas de leitura típicas de um dado momento. Tais práticas revelam intensos intercâmbios com o social, sobretudo quando se observa que os saberes de leitura em que se ancoram as atividades realizadas por professores e alunos têm relação direta com os saberes de leitura que não emergem especificamente do saber acadêmico. Entre esse saber e as práticas efetivas de leitura na escola existe uma rede de mediações que vão dando subsídios para que o professor “construa” sua aula de leitura. E assim vão se formando leitores e leitoras de um tempo que é o presente e num ambiente de onde transbordam modelos de leitura para outros espaços. Nesse percurso, professor e escola seguem, incólumes, como agentes primordiais na tarefa de formar o leitor que nasce na escola, mas se desenvolve e atua num mundo de múltiplas e não tão raras práticas de leitura como se supõe tão freqüentemente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia A. (1998). "Circulação de livros no Brasil nos séculos XVIII e XIX". In: *CD-rom do XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. GT de Produção Editorial, Livro e Leitura. Intercom. Recife.
- \_\_\_\_\_. (1999). *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, São Paulo: ALB, Mercado de Letras.
- \_\_\_\_\_. (1996). "Leitura de ficção no Brasil Colônia". *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- \_\_\_\_\_. (1995). (Org.). *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE*. Campinas, SP: ALB, Mercado de Letras.
- AGASSIZ, Luiz e Elizabeth C. (1975). *Viagem ao Brasil (1865 - 1966)*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp.
- BATISTA, Antonio A. e GALVÃO, A. (1999). *M. Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Coleção Linguagem & Educação. Belo Horizonte: Autêntica.
- BERALDO, Alda. (1990). *Trabalhando com poesia*. São Paulo: Ática.
- BARTHES, R. (1988). *Rumor da língua*. São Paulo: Ática.
- BLIKSTEIN, Izidoro. (1983). *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix.
- \_\_\_\_\_. (1991). *Técnicas de Comunicação escrita*. São Paulo: Ática.
- BORDIDEU, Pierre. (1996). A leitura: uma prática cultural (debate entre Pierre Bordieu e Roger Chartier. In: Chartier, R. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade.
- BORDINI, Ma da Glória e AGUIAR, V. Teixeira. (1988). Interesses de leitura e seleção de textos. In: \_\_\_\_\_. *Literatura: a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 18-28.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). *Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos / Ministério da Educação*. 3. ed. – Brasília: A Secretaria.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). *Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa: terceiro e quarto ciclos / Ministério da Educação*. 3. ed. – Brasília: A Secretaria.
- BURMEISTER, Hermann. (s/d.). *Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- BUSNARDO, J. e BRAGA, D.B. (2000). "Uma visão neo-gramsciana de leitura crítica: contexto, linguagem e ideologia". In: *Ilha do desterro*. Florianópolis, n.38, jan./jun., p.91-114.
- CALDCLEUGH, Alexander - viajante inglês em visita ao Brasil em 1819 - Apud MELLO-LEITÃO, C. de. *O Brasil visto pelos ingleses*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1937. (A C)
- CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. (2001). *Retratos da leitura no Brasil*. CD-rom.
- CANDIDO, Antonio. (1981). *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Itatiaia. 1º Vol., 6. ed.
- \_\_\_\_\_. (1999). *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanitas.
- \_\_\_\_\_. (1985). *Literatura e sociedade*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 7. ed.

- CARMAGNANI, A.M.G. (1992). "Relendo modos de ler a leitura". In: *Contexturas - Ensino crítico de língua inglesa*, n.1. São Paulo: APLIESP, pp.33-40.
- CAVALCANTI, Marilda do Couto. (1989). *Interação leitor-texto: aspectos de interpretação pragmática*. Campinas: Editora da Unicamp.
- CHARTIER, Roger. (1996a). *Práticas da leitura*. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade.
- \_\_\_\_\_. (1997b). "Crítica textual e história cultural". In: *Leitura: teoria e prática*, no 30. Campinas/ALB: Porto Alegre/Mercado Aberto, dez.
- CHARTIER, Roger. (2001). *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- CORACINI, Maria José. (org.). (1995). *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (1994). "A aula de leitura: um jogo de ilusões". In: *Contexturas - Ensino crítico de língua inglesa*, no.2. São Paulo: APLIESTP, pp.9-16.
- CULLER, Jhonatan. (1999). *Teoria Literária*. São Paulo: Beca.
- DEBRET, Jean Baptiste. (1954). *Viagem pitoresca ao Brasil. -1815*. São Paulo: Martins Ed.
- DOWNING, John. (1987). "A Influência da escola na aprendizagem da leitura". In: FERREIRO, Emília.e PALACIO, M. G. *Os processos de leitura e escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- EAGLETON, Terry. (1997). *Ideologia*. Tradução Silvana Vieira; Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora Boitempo.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução Waltencir Dutra. São Paulo: Martins Fontes.
- ECO, Umberto. (1979). *Leitura do texto literário*. Lisboa: Presença.
- EISENSTEIN, Elizabeth. (1998). *A revolução da cultura impressa*. São Paulo: Ática.
- ESCARPIT, Robert. (1967). Histoire de l'histoire de la Littérature. In: *Histoire des Littératures*, Encyclopedie de la Pleiade. Paris/ Gallimard, tomo III, p. 1739-1740.
- FISH, Stanley. (1980). *Is there a text in this class? The authority of interpretive communities*. Cambridge, London: Harvard UP.
- FOUCAULT, Michel. (1992). *O que é um autor?* Tradução António F. Cascais; Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja.
- FREIRE, Paulo. (1987). *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores associados/Cortez.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Cia Ed. Nacional
- GOODMAN, K.S. (1980). Behind the eye? What happens in reading. In SINGER, H. RUDELL, R. B. (Orgs.). *Theoretical models and processes of reading*. Newmark, Delaware: IRA.

- GOODMAN, K.S. (1987). "O processo de leitura: considerações a respeito da línguas e do desenvolvimento". In: FERREIRO, Emília.e PALACIO, M. G. *Os processos de leitura e escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GROMPONE, M.C. de. (1987). "Dislexia escolar e dislexia experimental. In: FERREIRO, Emília.e PALACIO, M. G. *Os processos de leitura e escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- HARSTE, J.C. e BURKE, C.L. (1987). "Preditibilidade: um elemento universal em lectoescrita." In: FERREIRO, Emília.e PALACIO, M. G. *Os processos de leitura e escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- INDURSKY, Freda. (1998). "A prática discursiva da leitura". In: ORLANDI, Eni P. (org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes.
- ISER, Wolfgang. (1996). O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34.
- \_\_\_\_\_. (1979). "A interação do texto com o leitor". In: Costa Lima, Luis (Org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- JAUSS, Hans Robert. (1979). "A Estética da Recepção: colocações gerais". In: Costa Lima, Luis (Org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- KATO, Mary. (1995). *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes.
- KIDDER, Daniel e FLETCHER, J.C. (1941). O Brasil e os brasileiros - Esboço histórico e descritivo. São Paulo: Ed. Nacional.
- KIMMEL, Susan et alii. (1987). "O papel das estratégias cognitivas não-acomodativas em certas dificuldades de compreensão da leitura. In: FERREIRO, Emília.e PALACIO, M. G. *Os processos de leitura e escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- KLEIMAN, Angela. (1993). *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas/São Paulo: Pontes/Editora da Unicamp.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas :Pontes.
- LABERGE, D. e SAMUELS, S.J. (1980). Toward a theory of automatic information processing in reading. In: SINGER, H. e RUDDER, R. B. (Orgs.). *Theoretical models and processes of reading*. Newark, Delaware: IRA.
- LAJOLO, Marisa. (1997). *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Literatura: leitores & leituras*. São Paulo: Moderna.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. (1991). *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática.
- LEITE, Lúcia C.M. (1983). *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. São Paulo: Mercado Aberto.
- LINDLEY, Thomas. (1969). *Narrativa de uma viagem ao Brasil que terminou com o apressamento de um navio britânico e prisão do auto e da tripulação do navio pelos portugueses acompanhada de diversas apreciações de caráter geral sobre o país, seus produtos naturais, seus habitantes e uma*

*descrição da cidade e das províncias de S. Salvador e Porto Seguro acrescidas de uma tábua correta das latitudes e longitudes dos portos da costa do Brasil, uma tabela de câmbio, etc.* São Paulo: Companhia Ed. Nacional.

- LUCOCK, John. (1975). *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Tradução de Milton da Silva Rodrigues. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia.
- MAGNAGNI, Maria do R.M. (1989). *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes.
- MARIANI, Bethania S.C.M. (1993). "Os primórdios da imprensa no Brasil (ou de como o discurso jornalístico constrói memória)". In: Orlandi, E. (Org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, p.31-42.
- MARINHO, Marildes e SILVA, Ceris S.R. (orgs.). (1998). *Leituras do professor*. Campinas/São Paulo: Associação de Leitura do Brasil (ALB).
- MENEGASSI, Renilson. (1990). *Confronto entre abordagens de leitura*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- NOVA ESCOLA. Editora Abril, ano XI, n.85 a 96, janeiro a dezembro de 1996.
- NOVA ESCOLA. Editora Abril, ano XII, n.97 a 108, janeiro a dezembro de 1997.
- NUNES, José H. (1998). Aspectos da forma histórica do leitor brasileiro na atualidade. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes.
- ORLANDI, Eni P. (1987). "A leitura: de quem, para quem?". In: \_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Discurso e Leitura*. São Paulo/Campinas: Cortez/Editora da Unicamp.
- \_\_\_\_\_. (1998). "A leitura proposta e os leitores possíveis" In: \_\_\_\_\_. (org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (1999). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (1986). *O que é lingüística?* São Paulo: Brasiliense.
- PELEGRINI, Tânia. (1999). *A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Mercado de Letras.
- PENTEADO, José Whitaker. (1977). *Técnica da comunicação humana*. São Paulo / Pioneira.
- PFEIFFER, Cláudia C. (1998). "O leitor no contexto escolar". In: ORLANDI, Eni P. (org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes.
- POHL, João Emanuel. (1951). *Viagem no interior do Brasil, empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de sua majestade o Imperador da Áustria Francisco Primeiro*. Tradução do Instituto Nacional do Livro da edição de Viena (1837). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro.
- RANGEL, Mary. (1989). *Dinâmicas de leitura para sala de aula*. São Paulo: Vozes.
- ROSE, Tânia M.S. (1995). *Compreensão de leitura: ensino e conhecimento*. (Tese de doutoramento). USP - Instituto de Psicologia.

- RUMELHART, D.E. (1975). Notes on a schema for stories. In: BOBROW, D. G.; COLLINS, A. (Orgs.) *Representation and understanding/ studies in cognitive science*. New York / Academic Press.
- RUMELHART, D.E. (1977). Toward an interactive model of reading. In: DORNICK S. (Org.). *Attention and Performance VI*. Hillsdale: Erlbaum.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil com um resumo histórico das revoluções do Brasil, da chegada de D. João VI à América à Abdicação de D. Pedro*. Tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp. Escrito em data posterior a 1830, relata a viagem realizada entre 1816 e 1822.
- \_\_\_\_\_. (1975). *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp.
- \_\_\_\_\_. (1932). *Segunda Viagem ao Rio de Janeiro, a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*. Trad. de Afonso de E. Taunay. São Paulo: Cia Editora Nacional.
- SARAIVA, Juracy Assmann (org.). (2001). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed.
- SILVA, Antonio Moraes. *Dicionário da língua portuguesa. recopilado dos vocábulos impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado por Antonio Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Oferecido ao muito poderoso Príncipe Regente Nosso Senhor. Lisboa: Typografia Lacérdina, 1813. (Com licença da Mesa do Desembargo do Paço).
- SILVA, Ezequiel T. (1993). *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1995). *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas: Papirus.
- \_\_\_\_\_. (1987). *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Autores Associados.
- SINGER, H. e RUDDER, R. B. (orgs.). (1980). *Theoretical models and processes of reading*. Newark, Delaware: IRA.
- SOARES, Magda. (1998). *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica (Coleção Linguagem e Educação).
- TERZI, Sylvia Bueno. (1997). *A construção da leitura*. Campinas: Pontes.
- VANOYE, Francis. (1996). *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes.
- VENTURA, Roberto. (1991). *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras.
- VILLALTA, Luiz Carlos. (1997). "O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura". In: MELLO E SOUZA, Laura de (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. Vol1. São Paulo: Companhia das Letras.
- ZILBERMAN, Regina. (1999). "Leitura literária e outras leituras". In: Batista, A. A. Gomes; Galvão, A. M. O. (Org.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica.